



D. Jorge Pina Cabral

CITIUS, ALTIUS, FORTIUS

O lema Olímpico que em latim significa «mais rápido, mais alto, mais forte», foi criado por Henri Didon, um frade dominicano e adotado como lema Olímpico pelo Barão Pierre de Coubertin, o fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna e amigo de Didon. Para além do óbvio sentido físico e desportivo, o lema remete-nos também para as qualidades morais e éticas que devem estar inerentes à prática desportiva. Foram inúmeros e bonitos os exemplos de consideração, de amizade e de respeito que os atletas da XXXIII edição dos Jogos Olímpicos manifestaram entre si num espírito de sã competição, mostrando que ser adversário não é ser inimigo e que são possíveis a estima e a consideração entre pessoas de culturas e países diferentes e diversos. A universalidade olímpica respeita a diferença e promove a convivência e a amizade entre a família humana. Uma boa lição para os tempos que correm.

Num mundo marcado por guerras, por um quotidiano de violência e de destruição e por fortes tensões políticas entre os blocos dominantes, a edição Olímpica, realizada na cidade luz, proporcionou uma lufada de ar fresco e um tempo de maior tranquilidade e esperança sustentado nos valores olímpicos da paz e tolerância universal. Por sua vez, a beleza, a estética e a superação presente em tantas modalidades praticadas, a alegria e o entusiasmo do público e a entrega e presença de tantos jovens atletas e voluntários, contagiaram uma audiência mundial que certamente se sentiu mais feliz, unida e crente num mesmo futuro comum, mesmo e apesar da histórica trégua olímpica não ter sido respeitada. Todos os atletas olímpicos independentemente de serem ou não medalhados merecem o nosso reconhecimento e admiração pelo seu espírito de sacrifício, de disciplina e suas capacidades físicas e mentais bem como os seus treinadores. Verdadeiramente o mais importante não é tanto vencer, mas antes participar.

Todo o contexto de exercício, disciplina e de superação individual e coletiva que as Olimpíadas nos apresentam, remete-nos também e à luz da fé, para o sentido do disciplinado intencional a que somos hoje chamados por nosso Senhor Jesus Cristo. O crente e leitor da bíblia está familiarizado com os paralelos entre o exercício físico e o testemunho da fé. S. Paulo na primeira carta aos Coríntios e tomando o exemplo dos corredores que no estádio buscam

a coroa da vitória, exorta os crentes a uma corrida espiritual pelo «prémio que dura para sempre» (I Cor. 9,25). Refere e bem a exigência desta corrida da fé que requer privações e sacrifícios. Na segunda carta a Timóteo usa a metáfora de uma corrida para descrever o seu próprio ministério (II Tim. 4,7), imagem que engloba todos os que estão na maratona da fé na carta aos Hebreus. A vontade de aceitar uma disciplina de vida, o empenhamento fiel num regime de prática, a resiliência para ultrapassar contratempos e prosseguir apesar da desilusão e um espírito de sacrifício são igualmente os pontos de orientação do atleta e do discípulo de Jesus.

Sei por experiência própria que a prática desportiva pode constituir em si mesma um forte tempo de vivência espiritual, de oração e de comunhão com os outros e com a natureza. Um tempo de profundo encontro connosco mesmos, das nossas limitações e potencialidades e de encontro com Deus que está em nós. Por sua vez a antropologia bíblica e cristã que entende a pessoa como um todo e rejeita dualismos redutores entre corpo e alma, ensinou-me também a não glorificar e cultuar o corpo como um fim em si mesmo, relevando outras dimensões da pessoa que concorrem para a sua própria realização. Com efeito, no contexto de uma sociedade de consumo, num tempo de culto da imagem e das aparências, o corpo humano transformou-se por vezes num objeto de adoração a ser potenciado por um excessivo e por vezes obcecado exercício físico. Requer-se um equilíbrio físico e espiritual do todo que é a pessoa humana e à luz da fé a complementaridade e união entre o corpo e a alma.

Que a prática desportiva, o exercício físico e o alcançar do bem-estar corporal hoje tão em voga na nossa sociedade se combinem com a prática e exercício da espiritualidade e da fé em Jesus Cristo, o «verbo que se fez carne» para nossa salvação.

Um bom e ativo período estival para todos.

+ Jorge